



Danos, perigos, enfrentamentos e conflitos: uma análise discursiva das reportagens de mudança climática e eventos extremos na *Folha de São Paulo e O Globo*¹

Mathias Lengert²

Rosiane Zanovello³

Cláudia Herte de Moraes⁴

Resumo: Este trabalho é resultado de uma análise dos sentidos produzidos por reportagens sobre mudança climática e eventos climáticos extremos no jornal *Folha de São Paulo* e *O Globo* no ano de 2016. Para isso, foram utilizados procedimentos teórico-metodológicos referentes à Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1995:2008; ORLANDI, 2007). A investigação parte do mapeamento dos sentidos, que, para isso, foram agrupados em oito famílias parafrásticas e quatro formações discursivas. Por fim, estas formações indicaram a insegurança com um futuro perigoso que já vem sendo apresentado por danos catastróficos no presente, bem como de enfrentamentos ineficazes e de conflitos de deveres.

Palavras-Chave: Jornalismo ambiental. Mudança climática. Eventos climáticos extremos. Análise do Discurso. Reportagem.

1. Considerações iniciais

O presente artigo relata parte de uma pesquisa mais ampla que investiga como os jornais de referência *Folha de São Paulo* e *O Globo* trataram dos temas da mudança climática no ano seguinte ao Acordo de Paris, celebrado no âmbito da Convenção-Quadro das Nações

¹ O estudo se constitui como recorte do projeto de pesquisa “Enquadramentos discursivos em reportagens sobre o futuro do planeta” (Nº do projeto: 0430436).

² Graduando do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria campus Frederico Westphalen. Bolsista de Iniciação Científica FIPE Jr./UFSM do projeto. E-mail: mathias.lengert@gmail.com

³ Graduanda de Jornalismo da UFSM campus Frederico Westphalen. Integrante do projeto. E-mail: rosizanovello@gmail.com

⁴ Orientadora da pesquisa. Professora da UFSM campus Frederico Westphalen. Doutora em Comunicação e Informação. E-mail: chmoraes@gmail.com



Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC⁵), durante a 21ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas.

Como pressupostos teóricos, trabalhamos com o conceito de Jornalismo Ambiental que está ancorado na perspectiva de abordagem complexa e sistêmica das problemáticas, tendo-se como característica o aprofundamento com ênfase no processo de apuração, não sendo considerado apenas uma especialidade, pois prioriza o comprometimento com a visão cidadã, a partir do saber ambiental e da visão sistêmica (MORAES, 2016).

A perspectiva teórico-metodológica é da Análise de Discurso de linha pecheutiana, passível de interpretar o modo que um objeto simbólico produz sentidos (ORLANDI, 2007) bem como observar a significação produzida por um fato linguístico (PÊCHEUX, 2008).

Quanto ao dispositivo analítico, tomamos a noção de organização discursiva e filiação a Formações Discursivas (FD). Enquanto que a FD determina aquilo que pode e deve ser dito (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007), nossa análise também observa a formação de redes ou famílias parafrásticas (FPs), as quais resultam das regularidades encontradas no discurso jornalístico observado. O *corpus* analisado é composto por 71 reportagens que tem como temática central mudança climática e eventos climáticos extremos. Foram coletadas 261 sequências discursivas (SDs) que compõem o objeto de análise.

Apresentamos em nossa análise, quatro formações discursivas, que são explicitadas na seção 5, após o detalhamento do percurso teórico e metodológico. Antes, discutimos os conceitos de Jornalismo Ambiental (JA) e reportagem, bem como as questões da Análise do Discurso (AD) e do discurso jornalístico.

2. Da crise ambiental contemporânea ao Jornalismo Ambiental

A jornada da existência humana está fadada a diversas intempéries futuras, indicadas pelos sinais catastróficos que o planeta tem dado nas últimas décadas (LOVELOCK, 2006). Esses eventos que têm posto a humanidade à prova, demonstram a gravidade da crise ambiental contemporânea, na qual a mudança do clima se configura como sua “dimensão mais urgente, mais grave e mais profunda” (VIANNA, 2010, p. 10). Conseqüentemente, a questão “[...] saltou para o primeiro plano das discussões e debates, não apenas neste ou naquele país, mas no mundo inteiro.” (GIDDENS, 2010, p. 19-20), embora ainda seja difícil tomar a iniciativa de enfrentá-la em razão de parecer abstrata e distante dos indivíduos. Assim, “[...] a maioria acredita que algo desagradável poderá ocorrer em breve, mas estamos

⁵ Em inglês, United Nations Framework Convention on Climate Change.



tão confusos como em 1938 quanto a forma que assumirá e o que fazer a respeito.” (LOVELOCK, 2006, p. 26).

Como reflexo da sociedade, a temática ambiental torna-se pauta cada vez mais recorrente na mídia. Essa construção ocorre, em primeiro momento, por critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2008) com grande influência para decisão de pautas como a morte, o desastre e os conflitos. Contudo, o Jornalismo, principalmente quando se trata dessa temática, não deve esperar o pior para noticiar que mudanças climáticas estão em curso, ele tem papel de informar o seu público sobre as ameaças, o prevenindo de incertezas. A mídia é um amplificador de debates científicos e de pesquisas, mas também propagador de matérias alarmistas que substituem a cautela. Isso ocorre, em parte, pela grande cobertura de fatos catastróficos e dramáticos, transmitindo ao público uma impressão exagerada de risco (GIDDENS, 2010).

Noticiar as questões ambientais possui grande importância, vide o contexto ambiental de inação no qual a política da mudança climática se encontra. Contudo, elas não devem causar pavor e se basear apenas em pautas de desastres (GIDDENS, 2010), afinal, o Jornalismo Ambiental tem o crucial papel informativo, aprofundado, não factual e comprometido com a temática (BUENO, 2007b).

O Jornalismo Ambiental é, em sua essência, imbuído de características que o diferenciam das práticas jornalísticas cotidianas. Ele sobressai a uma especialização jornalística - é sobretudo independente e baseado na pluralidade de fontes (GIRARDI et al., 2012) - sendo “[...] resultado da articulação de múltiplos saberes, com forte e benéfica influência dos saberes, experiências e conhecimentos tradicionais.” (BUENO, 2007b, p. 36).

A participação diversa de vozes é fundamental e permite que o público tenha acesso a opinião de sujeitos que ocupem espaços distintos na sociedade, contribuindo para a formação cidadã do público (BUENO, 2007b). Para tal, tratando das questões ambientais, é preciso adotar um novo estilo de Jornalismo que acabe com a “pseudo neutralidade e imparcialidade da imprensa” (DORNELLES, 2008, p. 122) e que tenha comprometimento com a temática, já que o Jornalismo se insere em um campo de interesses no qual o profissional deve estar consciente e capacitado na sua função de defesa ao meio ambiente (BUENO, 2007b).

Contudo, as práticas defendidas por esses pesquisadores ainda encontram dificuldades em grandes veículos de comunicação, inseridos nos moldes capitalistas de produção da informação. Isso ocorre, pois, “[...] mídias conservadoras [...] tendem, muitas vezes, a ignorar as raízes do Jornalismo Ambiental, sua disposição irrecusável para a mobilização e para o



despertar de consciências, tentando torná-lo refém de ações mercadológicas ou empresariais e interesses políticos.” (BUENO, 2007a, p. 14). Esse processo torna as matérias jornalísticas carentes de profundidade informacional, reduzindo, conseqüentemente, a discussão sobre problemáticas socioambientais (VILLAR, 1997).

A necessidade de o Jornalismo Ambiental estar vinculado a uma perspectiva crítica sobre o meio ambiente (BUENO, 2007a) ainda é empecilho para uma imprensa habituada a noticiar pautas sobre desastres, ou que venham de agências internacionais, ou também que tenham grande repercussão no exterior (VILLAR, 1997), ignorando a importância de investigar e dar voz ao diálogo de saberes locais (LEFF, 2010).

Como resultado da predominância dessas pautas, o indivíduo deixa de se ver como participante da realidade noticiada, e, conseqüentemente, da problemática da crise ambiental que o afeta. A ausência da consciência do público sobre sua responsabilidade fomenta uma fadiga de atenção, na qual ele se mostra farto do assunto (GIDDENS, 2010).

As discussões teóricas abordadas neste tópico nos servem de suporte para a observação do nosso *corpus*, explicitado na seção 5. Na sequência, apresentamos a conceituação de reportagem, como também do discurso. Após, elucidamos a análise do objeto de pesquisa, amparada na fundamentação teórica deste e dos capítulos seguintes.

3. Jornalismo e a reportagem

O Jornalismo se caracteriza por sua universalidade, veracidade, atualidade, difusão e periodicidade curta e regular (LAGE, 2006a, p. 112). Por sua vez, a informação jornalística compatibiliza o assunto de interesse público formando um “todo compreensível e abrangente” (Idem). Ela é passível de diversas construções, por meio dos gêneros jornalísticos, na qual se inclui a reportagem.

Esta é caracterizada por não se centrar na cobertura de um fato específico, mas do “levantamento de um assunto ou do relato de um episódio complexo, de acordo com um ângulo preestabelecido” (LAGE, 2006b, p. 54). As reportagens agregam não só o factual, mas das temáticas que na qual a narrativa é construída, afinal ela é imbuída de complexidade, extensão e riqueza de detalhes do campo de conhecimento do qual se informa (LAGE, 2006a). Além disso, são caracterizadas pela rigidez menor em sua narrativa, que permite ao jornalista evitar o *lead* e inserir a subjetividade nos textos classicamente objetivos que caracterizam a notícia (LAGE, 2006b).

A menor rigidez da narrativa da reportagem é acompanhada de uma preocupação



secundária em relação à atualidade, visto que o interesse é a contextualização de algo já anunciado, sem perder, no entanto, seu caráter informativo (SODRÉ; FERRARI, 1986).

A informatividade da reportagem é acompanhada de características singulares, como a presença da forma narrativa; a humanização do relato - visto a emotividade que a reportagem deseja provocar - o texto impressionista e a objetividade dos fatos (SODRÉ; FERRARI, 1986). Esses traços da reportagem, com exceção da narrativa, não têm presença obrigatória em todas as reportagens, sendo peculiaridades que caracterizam sua construção.

Tratando de questões ambientais é preciso considerar a necessidade do compromisso e engajamento do jornalista com uma visão de mundo que anseia por fazer algo, que não observa as problemáticas ambientais à distância, mas que investiga e abre o leque deste debate (BUENO, 2007a). Mais que isso, a prática jornalística deve ser entendida mais que técnica de lidar com informações, visto que ela tem compromisso com a cidadania e a construção de um espaço público consciente de seu papel na sociedade (DORNELLES, 2008).

Contudo, os limites práticos da notícia e da reportagem são tênues em alguns casos, principalmente quando existe interesse de documentar aspectos factuais, de grande interesse ao público. Como definir então a diferença entre a reportagem e a notícia? Pela complexidade da narrativa que conduz o leitor a um posicionamento crítico, capaz de ampliar a visão do público sobre determinada temática (SODRÉ; FERRARI, 1986).

Estes traços que caracterizam a reportagem podem ser comparados à visão de Moraes (2016), na qual o Jornalismo busca a atualidade e o encaixe que os acontecimentos ambientais possuem em busca das novidades que rondam o mundo. Baseada nessa concepção, associa-se aqui a análise do discurso (AD), que será discutida no capítulo seguinte.

4. O discurso

O discurso é fundamentalmente a prática simbólica da linguagem que se alia à observação do social constitutivo da história humana. Essa prática simbólica agrega sentidos em sua construção, sendo passível de variadas interpretações (ORLANDI, 2007) por meio do entendimento particular que cada sujeito possui do “real”, e de que cada “real” produz sentidos (PÊCHEUX, 2008).

A variação de sentidos de um mesmo texto é causada pela opacidade da linguagem, que causa equívocos nos locutores. Assim, a linguagem é o que é pois produz sentidos, sendo base material do discurso (ORLANDI, 2007).

De modo geral, o discurso “[...] é um suporte abstrato que sustenta os vários textos



(concretos) que circulam em uma sociedade.” (GREGOLIN, 1995, p. 17). A análise do texto, tanto interna quanto externa, possibilita compreender as circunstâncias de sua criação. As questões sócio-históricas e linguísticas compõem aqui a base do interdiscurso, a condição de produção do discurso.

O interdiscurso está assentado sobre a memória, sendo aquilo que “[...] torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível.” (ORLANDI, 2007, p. 31). Ele é imbuído de contextos imediatos e contextos ideológicos e sócio-históricos.

O funcionamento do interdiscurso é responsável pelo embate da paráfrase e da polissemia. Os processos parafrásticos decorrem da memória, do já-dito, e são caracterizados pela apresentação de sentidos que se mantêm. Assim, a paráfrase representa o retorno de dizeres diversos a um “mesmo dizer estabilizado” (ORLANDI, 2007, p. 36). Já a polissemia é processo simbólico de ruptura à estabilização dos mesmos dizeres. É nessa tensão que o discurso se configura como em processo de construção, afinal “é a condição de existência dos sujeitos e dos sentidos” (Idem, p. 37).

A prática discursiva é concretizada a partir da ideologia, sendo esta somente possível pelo sujeito. É a forma como uma classe se posiciona quanto à ideologia que possibilita a formação ideológica ou condição de produção do discurso (PÊCHEUX, 1995). Assim, “uma sociedade possui várias formações ideológicas, e a cada uma delas corresponde uma ‘formação discursiva’”, isto é, aquilo que pode e deve ser dito em certa época de determinada sociedade (GREGOLIN, 1995, p. 17). O que o sujeito enuncia sempre se insere dentro de uma formação discursiva para apresentar determinado sentido e não outro, e assim possibilitar a compreensão do funcionamento do discurso (ORLANDI, 2007).

Desse modo, os processos de produção do discurso estão na fonte da produção dos efeitos de sentidos, advindos do interdiscurso e afetados pela materialidade da língua (ORLANDI, 2007).

5. Percorso teórico-metodológico

Este estudo, quanto aos procedimentos, é uma pesquisa bibliográfica que busca estabelecer ligações entre as discussões teóricas. Ela também se apresenta como pesquisa documental quanto ao objeto de estudo e, por fim, quanto ao método, ela tem base na AD de linha francesa, especificamente de matriz pecheutiana.

A AD parte da superfície linguística para averiguar “[...] como um objeto simbólico



produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos.” (ORLANDI, 2007, p. 26). Assim, na análise existe a necessidade de “[...] se construir procedimentos [...] capazes de abordar explicitamente o fato linguístico.” (PÊCHEUX, 2008, p. 51). Os ditos não têm apenas a finalidade de serem decodificados, mas sim de constituírem-se em pistas para compreender os sentidos que daí decorrem, em intersecção ao interdiscurso e a ideologia.

Este estudo é um recorte de um projeto de pesquisa mais amplo, e se detém, especificamente, sobre duas das sete temáticas exploradas: mudança climática e eventos climáticos extremos. Foram analisadas as versões impressas dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo* veiculadas durante o ano de 2016. A escolha dos veículos de comunicação partiu das premissas de serem jornais de referência, isto é, por servirem “[...] interna e externamente de referência - tanto para a elite formadora de opinião, como para os meios de comunicação - sobre uma parcela do mundo público, qual seja, o país ao qual dirige.” (ZAMIN, 2014, p. 939). A pesquisa se limitou à observação de reportagens, o que acarreta a exclusão de quaisquer textos jornalísticos que não se incluem nessa categoria.

Entende-se reportagem, na escolha dos objetos componentes do *corpus*, como texto que não se detém apenas na narrativa de um fato (LAGE, 2006b), mas se preocupa com a contextualização do tema que o rodeia, sem perder o caráter informativo e capaz de ampliar a visão do público quanto a temática abordada (SODRÉ; FERRARI, 1986). Por tratar da temática ambiental, ela deve ser engajada (BUENO, 2007a).

A coleta mapeou 47 reportagens que versam sobre mudança climática e 24 que abordam eventos climáticos extremos⁶. As reportagens apresentaram, no total, 261 SDs, sendo 176 sobre mudança climática e 85 advindas da categoria eventos climáticos extremos.

Essas SDs foram classificadas em 17 sentidos possíveis e posteriormente, agrupadas em 8 FPs, isto é, as marcas de regularidades do discurso, que conduziram a 4 FDs. Esse percurso está elucidado (Quadro 1) a seguir.

Sentidos	Famílias Parafrásticas	Formações Discursivas
Incerteza	Insegurança com o futuro	Perigo a caminho
Medo - preocupação		
Risco		
Emergência	Vulnerabilidade futura	

⁶ Das 47 reportagens da temática de mudança climática 33 advém do O Globo e 14 da Folha de São Paulo. Já das 24 reportagens acerca de eventos climáticos extremos 16 foram coletadas do O Globo e 8 da Folha de São Paulo.



Impacto ambiental	Efeitos da mudança climática	Danos manifestos
Impacto econômico		
Impacto humano - social		
Controvérsia - conflito		
Planejamento	Conflitos ambientais	Enfrentamento da crise climática
Decisões políticas	Planejamento de atitudes	
Cultura sustentável	Tomada de atitudes	
Alternativas		
Tecnologia - infraestrutura		
Gestão - fiscalização		
Culpa - responsabilidade	Culpabilidade pelas problemáticas ambientais	Conflito de deveres
Ceticismo	Questionamento das problemáticas ambientais	
Anti-ceticismo		

Quadro 1: Sentidos, Famílias parafrásticas e Formações discursivas identificadas a partir da análise das SDs de mudança climáticas e eventos extremos nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo*

Fonte: Elaboração dos autores.

O quadro acima permitiu a construção do percurso analítico, e no estabelecimento das SDs das subtemáticas mudança climática e eventos climáticos extremos nas categorias de FPs e FDs, sendo a categoria de Famílias Parafrásticas apresentada (Quadro 2) abaixo:

Famílias Parafrásticas	Mudança climática	Eventos extremos
Insegurança com o futuro	13	9
Vulnerabilidade futura	61	17
Planejamento de atitudes	13	4
Tomada de atitudes	12	3
Efeitos da mudança climática	38	42
Conflitos ambientais	3	1
Culpabilidade pelas problemáticas ambientais	34	9
Questionamento das problemáticas ambientais	2	0
TOTAL DE SDs	176	85

Quadro 2: Famílias parafrásticas identificadas das SDs de mudança climáticas e eventos extremos nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo*

Fonte: Elaboração dos autores.

As reportagens foram verificadas, posteriormente, para obter as marcas discursivas que pudessem oferecer sentidos, e apontar o tom discursivo das reportagens frente a esses temas. A verificação das marcas acarretou no mapeamento das SDs, e na seleção pelo critério



de exemplaridade⁷. A análise identificou quatro FDs que serão elucidadas a seguir: FD 1 - Perigo a caminho, FD 2 - Problemáticas ambientais, FD 3 - Enfrentamento das problemáticas ambientais e FD 4 - Conflito de deveres.

5.1 (FD 1) Perigo a caminho

A FD 1 explicita os sentidos que denotam o receio pelo que o futuro trará. Ele se ampara na realidade iminente de riscos que a mudança climática tem oferecido a partir de relatórios científicos que indicam cenários caóticos para a existência humana em poucas décadas, caso nada seja feito.

A insegurança e a vulnerabilidade são firmadas a partir de um contexto social de ameaça ou de perigo potencial (LOOSE, 2015). Elas revelam uma face grave do lento, silencioso e despercebido processo de mudança climática: os desastres ambientais, que se tornam indício do que o futuro tem a oferecer.

Aqui se insere a problemática do que Giddens (2010) nomeia fadiga de atenção, que se refere à exaustão das informações que alertam para os perigos que a mudança climática pode trazer. Para tanto, o Jornalismo Ambiental tem a incumbência de abordar a completude da trama que envolve o risco, sem esperar as tragédias para noticiar aspectos pontuais e reducionistas das problemáticas ambientais (BUENO, 2007a), afinal, “[...] o discurso jornalístico é fundamental no processo de dar visibilidade e fomentar dadas percepções sobre os riscos climáticos.” (LOOSE, 2015, p. 59). As seguintes SDs⁸ representam esse conjunto:

SD 88: O cronômetro para o caos climático está correndo, mas a Humanidade **ainda não encontrou soluções para reduzir as emissões** de gases de efeito estufa.

SD 260: Se há dúvidas com relação ao aumento da frequência de ressacas, fica a certeza de que as cidades têm de estar preparadas para o pior. **Artaxo afirma que não há nenhuma perspectiva de diminuição dos eventos climáticos extremos. Pelo contrário.**

Ambas sequências denotam a preocupação central da FD: a certeza que o pior está por vir e que a humanidade não está pronta para enfrentá-lo. A SD 88 apresenta uma ênfase

⁷As sequências discursivas serão apresentadas em ordem cronológica de cada reportagem, quanto ao jornal, iniciando com aquelas veiculadas no O Globo e posteriormente as da Folha de São Paulo e por fim, quanto à temática, iniciando de mudança climática e indo posteriormente para eventos climáticos extremos. Reiteramos que, devido a uma questão de espaço, nem todas as SDs mapeadas serão retratadas. Serão apresentadas apenas aquelas avaliadas como as mais representativas dos sentidos encontrados.

⁸A SD 88 foi tirada da reportagem Combate ao Efeito Estufa do O Globo, na temática de mudança climática. Já a SD número 260 provém da reportagem Olhos na Ressaca da Folha de São Paulo e que se insere na temática de eventos climáticos extremos.



alarmista quanto a mudança climática ao abordar a insuficiência de tempo para reverter uma possível instauração do caos climático. É também marcada pelo negativismo, por desprestigiar os esforços já tomados em reduzir emissões de gases de efeito estufa. A SD 260, em consonância com a anterior, destaca a piora do quadro dos desastres climáticos, indicando a necessidade de tomada de atitudes de mitigação e adaptação que possam contê-las ou diminuí-las.

As SDs dessa formação têm como principais sentidos a incerteza e o medo - preocupação, causados pelo pânico e inquietação que o risco possa causar, representada na FP 1 - insegurança quanto ao futuro. Também compõem a FD, sentidos de risco e emergência em tomar atitudes que mitiguem as mudanças em curso, representadas da FP 2 - vulnerabilidade futura.

A FP 1 indica a insegurança provocada pela mudança do clima e é apresentada principalmente quando tratando as incertezas e medo - preocupação. Ela é caracterizada pelo pânico ou confusão com o quadro climático que vem sendo apresentado. As seguintes sequências⁹ são representativas desta família parafrástica:

SD 182: Quem sobreviveu ao desastre muitas vezes carrega o trauma da enxurrada. [...] “Tenho medo de isso aqui cair e eu passar de novo por tudo que passei. Quando chove, me ajoelho e começo a rezar”.

SD 258: O problema é que não há um registro histórico detalhado nem muita informação a respeito das ressacas no litoral brasileiro, segundo Roberto Fontes, professor da Unesp de São Vicente. Daí a dificuldade em se dizer se os fenômenos aumentaram em número e intensidade nos últimos anos - seja por causa do aquecimento global ou outras mudanças climáticas.

A SD 182 explora a humanização e a emotividade do relato (SODRÉ; FERRARI, 1986) ao apresentar o choque e a angústia do indivíduo que já sofreu um evento climático extremo. A sequência discorre sobre a insegurança mesmo no próprio lar, na qual o indivíduo recorre à fé para suportar os efeitos adversos da mudança climática.

A sequência 258 apresenta as dificuldades do campo científico em mapear os eventos climáticos extremos devido à falta de registros passados. Assim, a sequência aponta para a incerteza de definir as causas, apresentando a crise climática como pauta recente e pouco abordada.

⁹ A SD 182 foi localizada na reportagem À Sombra da Tragédia do O Globo, na temática de eventos extremos. A SD 258, proveniente da mesma temática, foi mapeada da reportagem Olhos na Ressaca da Folha de São Paulo. Além disso, a SD número 3 advém da reportagem Agricultura Enfraquecida do O Globo, na temática de mudança climática, assim como a SD 33 localizada na reportagem Alerta na Caatinga, também do O Globo.



A incerteza em se apresentar um quadro confiável que determine ações a serem tomadas apresenta a vulnerabilidade humana frente à crise. É justamente essa temática que reúne sentidos na FP 2 - Vulnerabilidade futura, caracterizada pelo tom de discurso catastrófico quanto ao futuro no contexto climático global. Ele pode ser verificado nas seguintes sequências:

SD 3: Os eventos extremos climáticos são inevitáveis, mas não precisam resultar em desastres. Os países devem investir em técnicas para manipulação genética dos grãos, tornando-os mais tolerantes a condições naturais adversas. E também precisam **reduzir a emissão de gases de efeito estufa, responsáveis pela origem das catástrofes.**

SD 33: Ou seja, nos próximos 25 anos, com estiagens mais longas e menos esporádicas, além de aumento de temperatura, esses locais [no Médio São Francisco] – todos com baixos indicadores sociais – são mais sujeitos a experimentar fortes perdas agrícolas, escalada de doenças, evasão de moradores e até desertificação de paisagens.

A 3ª sequência do *corpus* aponta para um tom otimista, que transpassa a inevitabilidade dos eventos climáticos extremos para abordar a necessidade da tomada de atitudes que reduzam o efeito da mudança climática. Cumpre-se assim o preceito de evitar o reducionismo defendido pelo Jornalismo Ambiental (BUENO, 2007b), alertando para o perigo, mas elencando ações a serem adotadas.

A SD 33 ressalta a rapidez com que mudanças no clima atingirão grupos sociais, elencando as formas com que os efeitos irão afetá-los. Apresenta também um dado preocupante quanto a vulnerabilidade climática: comunidades mais empobrecidas são as que habitam os locais com maior risco de serem atingidas (GIDDENS, 2010).

Assim, a FD 1 (Perigo a Caminho) é demarcada pela narrativização da ameaça que trará o caos climático, como descrito na SD 88. A formação discursiva é imbuída de aspectos dramáticos e catastróficos por trazer consigo o medo e o risco, apresentando a faceta de instabilidade que a humanidade apresenta frente aos desafios climáticos que vêm se agravando nas últimas décadas. No entanto, a necessidade do discurso jornalístico fomentar a apresentação do tema ao público (LOOSE, 2015) é satisfatoriamente realizada: é a maior FD dentre as apresentadas (a maior no subtema mudança climática com 42% do total de SDs e a segunda maior no subtema eventos climáticos extremos com 30% dentre o total).

5.2 (FD 2) Danos manifestos

A segunda FD trata dos efeitos causados pela crise climática direta ou indiretamente, essa última em relação aos conflitos causados por essas alterações. Essa formação atua sob o



entendimento que a mídia tem o importante papel de noticiar os impactos climáticos, bem como de discutir modos que os mitiguem evitando o medo ou a negação.

A FD é associada aos sinais visíveis que a mudança climática tem oferecido, se amparando assim, na voz de especialistas que têm confirmado a tendência global de aquecimento do planeta. As seguintes sequências discursivas são representativas dessa FD:

SD 181¹⁰: “Percebemos um movimento de pessoas voltando às suas residências **condenadas, devido à morosidade das políticas públicas** destinadas à vítima.”
[Uriel Fonseca, promotor de justiça]

SD 220: Chuvas fortes? Inundações? Acostumem-se! **Com as mudanças climáticas, essa é a nova realidade.**

A SD 181 trata de um conflito causado pela burocracia do governo em oferecer novos lares para moradores impactados por deslizamentos de terras que, desiludidos, voltam a residir em locais em que se sujeitam - ou como a própria sequência descreve, sejam condenados - a sofrer os riscos futuros em razão do desamparo governamental. Já a sequência 220 afirma que os eventos climáticos extremos não são preocupações do futuro (como tratado na FD 1), mas do presente. O imperativo “acostumem-se!” indica que essas problemáticas não são pontuais e efêmeras, mas que se tornarão cada vez mais presentes.

A FD 2 é composta pela FP 3 - Efeitos da mudança climática, na qual se integram os sentidos de impacto ambiental, econômico e humano - social, bem como da FP 4 - Conflitos ambientais, que trata do sentido de controvérsia - conflito. A FP 3 indica os sinais climáticos de ordem direta a partir de impactos no meio ambiente, na economia e na vida da população. As seguintes sequências exemplificam a família parafrástica:

SD 119: Nenhum outro lugar do mundo está sendo tão afetado pelo aquecimento global quanto o Ártico, mas desta vez a situação **surpreende até os mais pessimistas dos especialistas.**

SD 217: “Alguns vilarejos no centro da França **enfrentaram as piores enchentes em um século**”.

Ambas as sequências trazem consigo tons alarmistas quanto à mudança climática. A SD 119 indica pessimismo ao afirmar que até especialistas descrentes com possíveis melhoras no quadro climático têm sido surpreendidos com os efeitos do clima no Ártico. Ela vai ao encontro da SD 217 que apresenta as enchentes como as piores já enfrentadas. São

¹⁰ A SD 181 foi localizada na reportagem À Sombra da Tragédia do O Globo, na temática de eventos extremos. A SD 220, do mesmo jornal e temática, advém da reportagem França Prevê Prejuízos Bilionários com Inundações. A SD 119 foi mapeada na reportagem O Colapso do Ártico do O Globo, na temática de mudança climática. Já, a SD 217, é proveniente da mesma reportagem que a SD 220.



ressaltadas, desse modo, pelas sequências, uma visão caótica de mundo.

A FP 4 indica os impactos indiretos da crise climática, exemplificados nas controvérsias científicas e conflitos humanos, quando se trata das mudanças do clima. Ela pode ser representada pela SD seguinte:

SD 4¹¹: [...] Mario Barroso acredita que a estimativa indicada pelo estudo canadense é até conservadora. **Para ele os estragos causados pelo clima à produção agrícola mundial são muito mais graves.**

A SD 4 apresenta uma controvérsia no debate do campo científico quanto aos impactos das problemáticas ambientais, carregando um viés pessimista ao apresentar os efeitos climáticos como mais graves do que os até então imaginados.

Observadas as características das FPs dessa formação discursiva pode-se caracterizá-la como carregando consigo os danos que se tem enfrentado. Apresentam um tom negativo e pessimista frente às dificuldades impostas, indicando assim, a postura humanitária que se tem tomado frente ao sofrimento de desastres e demais efeitos desagradáveis. É a segunda maior FD dentre todas, com 32% do total de SDs. Já quando considerado apenas o subtema de eventos climáticos extremos a formação discursiva é a maior, representando sozinha 50% das SDs. No subtema mudança climática sua extensão é de 23%.

5.3 (FD 3) Enfrentamento da crise climática

A terceira FD trata de medidas já postas em prática ou previstas para o enfrentamento das mudanças do clima. Apresentar ações de combate à crise do clima é fundamental ao tratar de problemáticas ambientais já que não prende o público na catástrofe, mas usa o desastre como gancho para explicar a necessidade da adoção de medidas que previnam ou reduzam os efeitos adversos desses problemas (BUENO, 2007a).

Elencar possibilidades de modos a se enfrentar a mudança do clima representa um grande desafio em vista da ocorrência do paradoxo de Giddens, que se refere à preocupação com as problemáticas ambientais sem, no entanto, realizar ações de combate a elas, já que elas se apresentam como abstratas e intangíveis (GIDDENS, 2010). As seguintes SDs representam esse conjunto:

SD 100: **Cada um pode contribuir com a redução da pegada ecológica.** Evitar

¹¹ A SD número 4 advém da reportagem Agricultura Enfraquecida do O Globo, na temática de mudança climática. Advinda da mesma temática e jornal, a SD 100 se localiza na reportagem O Dia da Sobrecarga. Já a SD 208, provém da reportagem Sem Prevenção do O Globo, na temática de eventos extremos.



andar de carro ou dedicar um dia da semana a uma dieta vegetariana, por exemplo, já que a produção de carne é bastante poluente.

SD 208: Em março, a prefeitura anunciou um novo plano de metas até 2020. Dentre os objetivos mantém-se o da retirada de famílias que vivem em áreas de risco na cidade: o que havia sido prometido em 2003 e ainda não foi cumprido. Agora, **a projeção é de que ninguém mais viva com risco de deslizamento ou enchentes até 2035.**

A SD 100 apresenta um incentivo para que o indivíduo adote práticas que visem reduzir o impacto das mudanças climáticas. Ao propor que o leitor tenha parcela na contribuição para a redução das adversidades que têm surgido, a sequência vai ao encontro das premissas do Jornalismo Ambiental (BUENO, 2007b) que defendem que o indivíduo seja notificado de seu papel, não eximindo-o da culpa pela pegada ecológica. A SD 208, por sua vez, aborda o planejamento de ações para a retirada da população de áreas de risco. É importante observar a dificuldade em se obter sucesso na concretização da proposta, já que a finalização da meta era esperada a mais de uma década.

Essa FD é composta por duas FPs: FP 5 - Planejamento de atitudes, composto por sentidos de planejamento e decisões políticas e governamentais e FP 6 - Tomada de sentidos que envolve sentidos de alternativa, cultura sustentável, tecnologia - infraestrutura e gestão - fiscalização. A FP 5 engloba atitudes que têm sido planejadas para serem postas em ação. Se apresentam assim, como primeiro passo para o enfrentamento das adversidades impostas pela crise climática. A seguinte SD¹² exemplifica essa família parafrástica:

SD 104: Pelo tratado, os países desenvolvidos se comprometeram a reduzir o uso de gases progressivamente, começando com um corte de 10% (em relação aos níveis de 2011-2013), em 2019, e chegando a 85% em 2036. [...] Estes países **reivindicaram um prazo maior de adaptação para não afetar o crescimento de sua indústria**, estimulado pela demanda de uma classe média em expansão.

A SD 104 trata do Acordo de Kigali, assinado em 2016 e que visa reduzir o uso dos gases hidrofluorcarbonetos (HFCs), com alto poder destrutivo da camada de ozônio. Ele representa uma conquista política no campo do planejamento de ações em que diversos interesses são confrontados, principalmente de países desenvolvidos que temem que suas indústrias sejam afetadas.

Em continuidade a essa família parafrástica, a FP 6 agrega ações que já estão sendo tomadas com vista a combater ou reduzir as adversidades climáticas. Essas atitudes transpassam propostas globais, governamentais, empresariais, bem como aquelas a qual cada

¹² A SD número 104 advém da reportagem Avanço Contra o Aquecimento do O Globo, na temática mudança climática.



indivíduo pode tomar. As seguintes SDs exemplificam essa FP:

SD 98¹³: - Antes de Paris, manter o aquecimento em 2 graus Celsius era apenas uma ideia de alguns grupos, não um objetivo global – diz o ambientalista [Mathis Wackernagel, diretor-executivo da Global Footprint Network]. **O trabalho agora é de conscientizar as pessoas.** Nós vemos indicações, como o desaparecimento das geleiras, mas não é suficiente. O turista pode visitá-las, isso não afeta sua vida: ele volta para o hotel e janta normalmente.

SD 107: “Ano passado em **Paris, prometemos manter o mundo seguro dos piores efeitos das mudanças climáticas. Hoje, estamos cumprindo essa promessa**”, disse o chefe de meio ambiente da ONU, Erik Solheim, em um comunicado, referindo-se à COP-21.

A SD 98 apresenta o combate ao aquecimento global como pauta compartilhada pelos diversos campos da sociedade. Ao mesmo tempo, concorda com a existência de desafios, o que permite um apontamento importante dessa FP: o enfrentamento das mudanças climáticas não pode ser visto da perspectiva que é completa por si, mas que exige o papel de cada indivíduo. Já a SD 107 diz respeito ao papel dos países, que se diz estar sendo cumprido com a assinatura do Acordo de Paris. Revela também que o acordo é visto com o intento de manter segura a humanidade da crise climática. Contudo, é importante compreender os estudos que mostram que, por si só, o Acordo não garante uma estabilidade no clima.

A FD 3, portanto, trata da busca por soluções que possam combater a crise do clima, podendo ser caracterizadas como em contínuo processo de construção. Ao identificar e explicar o enfrentamento da mudança climática o discurso jornalístico necessita abordar os esforços como não terminados, e assim, responsabilizar também o leitor por seu papel frente às adversidades climáticas. Contudo, o planejamento e a tomada de atitudes têm sido pouco abordados ao considerar a quantidade total de SDs mapeadas em mudança climática e eventos climáticos extremos: ela é FD menos presente, com 12% do número total de SDs, em ambos os temas.

5.4 (FD 4) Conflito de deveres

A quarta formação discursiva trata de conflitos de ordem ideológica frente às mudanças climáticas. A FD 4 é amparada nas discussões sobre responsáveis por essas adversidades, bem como pelo questionamento de sua existência. As seguintes SDs

¹³ A SD 98 é localizada na reportagem O Dia da Sobrecarga do O Globo, na temática de mudança climática. Já a SD 107 advém da reportagem Avanço Contra o Aquecimento, da mesma temática e jornal que a sequência anterior.



exemplificam a FD¹⁴:

SD 22: “O setor energético e de transporte estão entre os mais poluentes de nossa economia, e isso ocorre porque **ainda abusamos dos combustíveis fósseis.**”

SD 47: - Queremos mostrar que a adaptação pode ser impossível ou muito cara. No caso das espécies, **não há o que fazer, elas se extinguirão** -alerta o climatologista José Marengo, pesquisador do Cemaden.

A SD 22 trata do elevado uso de combustíveis fósseis para energia e transporte, responsáveis pela maior parte do consumo dessa fonte energética considerada suja. O mote da sequência discursiva se encontra justamente na impossibilidade de definir o sujeito que abusa dos combustíveis fósseis, o que permite a reflexão de que o próprio leitor tem responsabilidade sobre tal. Já a SD 47, com tom pessimista, questiona as possibilidades a serem tomadas, definindo como irrelevantes os esforços para salvar espécies animais da extinção.

A FD 4 é composta por duas FPs: FP 7 - Culpabilidade pelos problemas ambientais que agrega o sentido de culpa - responsabilidade, e FP 8 - Questionamento da mudança climática amparada nos sentidos de ceticismo e anti-ceticismo. A FP 7 é caracterizada por indicar culpados pela crise climática e os eventos climáticos extremos e agrega tanto a inação de empresas e governos, como fenômenos climáticos como o El Niño chegando também ao próprio leitor. As seguintes SDs representam essa FP:

SD 54: Rittl considera que **as mudanças climáticas “põem um holofote sobre a nossa incompetência em lidar com questões básicas.”**

SD 198: A resposta do município chegou em junho: **“comunicamos que é de sua responsabilidade a adoção de medidas, junto com os moradores vizinhos, para a solução do problema,** por se tratar de âmbito privado”, informou o governo. Na noite de sábado, a casa da família foi tomada pela lama.

A SD 54 aponta, na voz de um especialista, que a crise climática é agravada pela estagnação de indefinidas camadas da sociedade em propor medidas que contenham essa problemática. A sequência atribui ao leitor um papel importante na inação frente a essas questões, inserindo o especialista junto a ele. A SD 198, por sua vez, apresenta o desamparo governamental à população na tomada de atitudes que previnam o desastre ambiental do deslizamento. Ela é revestida por um viés catastrófico por colocar em xeque a atuação

¹⁴ A SD 22 é localizada na reportagem Ameaça do Nitrogênio no O Globo, na temática de mudança climática. Da mesma temática e jornal, a SD 47 é proveniente da reportagem Temperatura de Risco. Já a SD 54 advém da reportagem O Mês Mais Quente da História, com mesma natureza que as sequências anteriores. Por fim, a SD 198 é mapeada na reportagem Um Pedaco do Céu Numa Noite de Inferno do O Globo, na temática de eventos extremos.



negligente da prefeitura que gerou a morte da família.

A FP 8 é fundada nos apontamentos céticos frente às mudanças climáticas, bem como nas respostas anti-céticas. Essa família parafrástica aponta sobretudo, para questionamentos da existência e dos impactos causados pela crise climática e os eventos climáticos extremos. A seguinte SD¹⁵ exemplifica essa FP:

SD 171: Os adversários da ciência climática afirmaram que as preocupações de milhares de cientistas da corrente dominante sobre o futuro se baseiam em previsões de computador não comprovadas.

A SD 171 revela uma visão ceticista argumentando que o quadro climático não pode, de fato, ser comprovado. Essa construção se ampara na desclassificação dos estudos que usam o computador para fornecer possíveis cenários no quadro climático, concluindo que as preocupações, por não serem comprovadas, não são necessárias.

Assim, a FD 4 é caracterizada por conflitos de opiniões amparados, na sua maioria, na voz de fontes. No seu cerne, está presente a dúvida sobre a existência e os fatores que geram determinadas adversidades. Ao tratar da FP 7, que trata da culpabilidade, pode-se entender que essa tem uma relação forte com a FD 2 que aborda os danos causados pela mudança climática, pois se baseia no relato dos efeitos para indicar responsáveis pelos danos manifestos. Já a FP 8 se concentra nas discussões ideológicas sobre a falsidade ou realidade da crise climática, em processo de invalidação ou validação das FDs anteriores. Essa FD representa 17% do total de SDs mapeadas no estudo.

6. Considerações finais

A mudança climática e os eventos climáticos extremos por ela geradas se inserem em um reduto ideológico complexo e que permite observar os discursos que ali são abarcados. Para isso, observaram-se os sentidos decorrentes deste processo que envolve a grave crise climática e a quais FDs eles remetiam.

A reportagem se apresenta como produto e gênero jornalístico que permite uma abordagem mais profunda e contextualizadora de um assunto, bem como o aparecimento de sentidos diversificados que apontam para complexas formações discursivas, inseridas no processo proporcionado pela paráfrase e polissemia.

A análise do discurso serviu de amparo teórico e metodológico a qual possibilitou

¹⁵ A SD 171 advém da reportagem EUA Já Sentem Mudança Climática da Folha de São Paulo, na temática de mudança climática.



verificar os enlaces produzidos pelas 261 sequências discursivas ofertadas em 71 reportagens veiculadas no ano de 2016 nas subtemáticas de mudança climática e eventos climáticos extremos nos jornais Folha de São Paulo e O Globo. Devido a questões de espaço, nem todas as SDs puderam ser elucidadas, porém, aquelas eleitas ofereceram um vislumbre dos sentidos aqui ofertados e que foram caracterizados em quatro FDs: Perigo a caminho, Danos manifestos, Enfrentamento da crise climática e Conflito de deveres.

A FD 1 traz consigo um tom pessimista e catastrófico ao abordar as ameaças que irão impactar o mundo no futuro. Essa formação é composta também pelo medo, preocupação e incerteza em razão do modo intangível a qual a crise climática se configura.

A FD 2 indica danos causados no presente e passado pela mudança do clima, indicando-a como problema do presente. Assim como a primeira FD, essa é revestida por um tom pessimista que indica o viés no qual se compreendem as catástrofes.

A FD 3 apresenta medidas de enfrentamento à crise do clima. Ela é apresentada por soluções básicas e reducionistas que não compreendem a mudança do clima como problemática que exige uma série de mudanças. Ao mesmo tempo, é a formação discursiva menos presente.

A FD 4 exhibe os conflitos de deveres gerados pela crise climática e pode ser caracterizada pelo embate de diversos campos sociais com formações ideológicas distintas entre si. Ela se apresenta em processo de (in)validação das FDs anteriores, como também, na culpabilização pelas razões que originaram os sentidos das FDs 1 e 2.

Essas formações discursivas compõem, assim, um quadro do modo como a mudança climática e os eventos climáticos extremos são apresentados nos jornais de referência do país.

Referências

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação e Jornalismo Ambiental: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007a.

_____. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Desenvolvimento e meio ambiente**. Editora UFPR. n. 15, p. 33-34, jan./jun. 2007b.

DORNELLES, Beatriz. O fim da objetividade e da neutralidade no Jornalismo cívico e ambiental. **Brazilian journalism research**, v. 4, n. 2, p. 121-131, 2008. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/167>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de



Janeiro: Zahar, 2010.

GIRARDI, Ilza et al.. **Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental**. Comunicação & Sociedade. Editora C&S São Bernardo do Campo. v. 34, n. 1, jul./dez. 2012.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. ALFA: Revista de Linguística, v. 39, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso (1971). In: BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2007, p. 13-32.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006a.

_____. **Estrutura da notícia**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2006b.

LEFF, Enrique. **Discursos sustentáveis**. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2010.

LOOSE, Eloisa Beling. **Pensando o Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos ambientais**. III Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo Ambiental. Disponível em: <<https://anaisenpja.files.wordpress.com/2016/01/45-63-eloisa.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2018. p. 45-63.

LOVELOCK, James. **A vingança de gaia**. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

MORAES, Cláudia Herte de. **Rio+20 entre o clima e a economia: enquadramentos discursivos nas revistas brasileiras**. Bauru: Canal 6 editora, 2016. Disponível em: <http://www.canal6.com.br/livros_loja/Ebook_Rio20.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade transnacional**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.



VIANNA, Sérgio Besserman. Apresentação. In: GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VILLAR, Roberto. **Jornalismo Ambiental**: evolução e perspectivas. Laboratório Ambiental de Jornalismo, Agir Azul. Campo Grande, MT: UFMT. Out. 1997. Disponível em: <<http://www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

ZAMIN, Ângela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 21, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4955/495551017008/>>. Acesso em: 09 jul. 2018.